Entre a
Polônia e o Brasil

*Histórias de família*

# Entre memórias, dança e raízes polonesas

*Família Sekrecki*

***Relato de Paula Cristina Celli Ávila***



*Acervo pessoal: Eva e Paula Celli.*

Eva, filha de Paulo e Mônica Sekrecki, era minha avó. Cresceu ouvindo polonês em casa, nas conversas com os pais. Anos depois, quando comecei a dançar no grupo folclórico polonês *Wisła*, foi com ela que aprendi a dizer uma frase em polonês para uma dança típica polonesa: *Polonez*. Mais tarde, quando soube que eu iria estudar na Polônia, minha avó se emocionou ao ver uma neta se interessar pelas raízes da nossa família e ter a oportunidade de viver no país onde seu pai nasceu e que ela nunca chegou a conhecer.

Quando minha avó era pequena, na casa de seus pais Paulo e Mônica Sekrecki, em Curitiba, a batata tinha dois nomes. Paulo, nascido em Varsóvia, dizia *ziemniak*. Mônica, filha de imigrantes poloneses e nascida na Colônia Orleans, dizia *kartofel*. A filha Eva guardou na memória essa diferença, que se ouvia nas conversas de casa e dava uma pista sobre as origens de sua família.

Paulo Sekrecki nasceu em Varsóvia, em 14 de abril de 1889, filho de Miguel e Catarina. Naquele tempo, a cidade estava sob o domínio do Império Russo, e o russo era imposto como língua oficial. Seu irmão mais velho foi convocado para o serviço militar na Sibéria. Apesar de enfrentar o frio característico do lugar, sofreu muito e veio a falecer. Paulo seria o próximo filho a ser convocado para o serviço militar na Sibéria. Por esta razão, seus pais o incentivaram a emigrar para o Brasil. Pouco tempo depois outro irmão, Antônio, emigrou para os Estados Unidos, para Essex, New Jersey. Infelizmente, após a Segunda Guerra Mundial, perderam o contato.

Naquela época, o trabalho dos pais de Paulo era lidar com madeira. Segundo ele, cortavam árvores que eram transportadas pela correnteza do rio que havia na região. O governo tentava apagar a identidade polonesa, mas a população resistia de forma orgânica. No caso de Paulo, o pai dele, Miguel pagava aulas particulares que eram dadas por um professor polonês contratado, em sua residência.




Paulo chegou ao Brasil por volta de 1906, aprendeu a falar português sozinho e a se comunicar com brasileiros de forma fluente. Em Curitiba, procurou por famílias polonesas que haviam emigrado assim como ele. Foi acolhido por famílias na região da Colônia Orleans. Ali aprendeu serviços de carpintaria. Lá conheceu Mônica Bonikoski, com quem veio a se casar. Tiveram cinco filhos.

*Acervo pessoal: Casamento de Mônica Bonikoski e Paulo Sekrecki*

Logo depois de se casar, mudou-se com a família para a Avenida República Argentina, onde abriu uma fábrica de barricas para vender à indústria Matte Leão, o que gerou um negócio representativo na época. Anos depois, mudou-se para a rua Guilherme Pugsley, no Água Verde.


20/10/91
eta do Povo - 6ª página
Nostalgia




Foto do acervo e texto de Cid Destefani.

# BARRIQUEIROS

*Existem coisas no passado que foram conseqüências da época em que surgiram. As barricarias estão neste contexto. Foram instituídas para servirem à indústria principal do Paraná, no começo deste século, o da erva-mate beneficiada para exportação.*

*No século passado a erva era enviada aos mercados consumidores do Rio da Prata, primeiro em cestos de taquaras trançadas e, depois, em surrões de couro cru, costurados à guisa de sacos. Com a entrada da mão-de-obra e a habilidade dos imigrantes foram instituídas as barricarias que usavam como matéria-prima a madeira do nosso pinheiro.*

*Este tipo de embalagem no princípio era feito domiciliarmente com o emprego da mão-de-obra de quase toda a família. A habilidade com o enxó para fazer as partes curvas e afinadas das tábuas para o corpo das barricas era o cargo de artesão experiente. O fundo e a tampa não careciam de tanta habilidade para serem produzidos, assim como os arcos circundantes, estes extraídos do Timbó cuja madeira fibrosa e flexível se prestava essencialmente para o fabrico de tais arcos.*

*Barriqueiros existiam em grande quantidade em Curitiba, assim como nas colônias da periferia, notadamente nas habitadas pelo elemento italiano. Em 1940, vamos encontrar funcionando na cidade ainda um número notável destas indústrias das quais destacamos as de Luiz Nemitz na Rua São Paulo, continuação da XV de Novembro, Otto Nemitz instalado na Avenida Silva Jardim, Fermínio Eugênio dos Santos na Visconde de Guarapuava, Paulo Schreski na República Argentina e, também, João Seccon na mesma rua, Angelo Vialle no Ahú de Cima e a viúva Julia Gantzel na Rua Bispo D. José.*

*O volume de trabalhadores nestas indústrias era grande, ao ponto de se congregarem em sociedades beneficentes tendo uma delas sido por demais conhecida, a Sociedade Beneficente dos Barriqueiros do Ahu. Junto com os empregados dos engenhos, que beneficiavam a erva-mate, faziam o maior volume de mão-de-obra de baixa renda na época em que perdurou a fase do ciclo econômico do mate no Paraná.*

*Prontas as barricas estas tinham que seguir aos seus destinos, os engenhos de soque onde seriam forradas com papel e receberiam a erva que era compactada em seus interiores através de pilões. Quando isto ocorria elas já haviam sido marcadas em prensas especiais com o endereço dos importadores a que se destinavam no Uruguai, Argentina e Chile. Ao terminar a carga de cada barrica, que era em média de quatro arrobas, alguns engenhos colocavam em seu interior, como brinde, uma caixa de brinquedos de montar, fabricados em madeira, aqui mesmo em Curitiba.*

*O curioso transporte das barricas vazias, feitas entre a barricaria e o engenho a que se destinavam, era conduzido em carroças especiais, com grades altas e tiradas por duas ou mais parelhas de cavalos. Normalmente o condutor seguia a pé, ao lado da carga, segurando numa das mãos as rédeas e, na outra, um chicote de longa açoiteira.*

*Conforme a carroça se movimentava a carga vinha balançando e a fricção entre as barricas produzia um rangido que dava a impressão de que tudo iria se fragmentar.*

*A fotografia que ilustra a nossa "Nostalgia" de hoje é exatamente de uma destas carroças fazendo a descarga de barricas na porta da Hervateira Americana, importante engenho que pertenceu à família David Carneiro e que funcionava na Rua Brigadeiro Franco, desde a Rua Comendador Araújo até a Emiliano Perneta. Esta imagem foi gravada em 1916, no auge das exportações do mate.*

*Acervo pessoal: recortes da Gazeta do Povo de 20 de outubro 1991.*

Mônica Bonikoski, esposa de Paulo, era filha de poloneses, Estefano e Bárbara. Nasceu em 1891, na Colônia Orleans. Alguns de seus irmãos nasceram na Polônia. Infelizmente, não há muitas informações sobre o local de onde vieram. Mônica tinha excelente saúde e raramente ia ao médico. Faleceu aos 86 anos. Tinha o hábito de fazer broa em casa, assada em forno à lenha, fora de casa. Sabor inigualável, com fermento natural que ela mesma fazia.

Paulo fez questão de que seus filhos estudassem na escola polonesa que funcionava, na época, na rua Emiliano Perneta, perto da Igreja de Santo Estanislau. Os filhos cursaram, o equivalente ao curso primário em polonês. Mais tarde, com os netos, fazia questão de se comunicar em português, mas com os filhos e esposa, sempre em polonês.



*Acervo pessoal: Mônica e Paulo com seus 4 filhos:*
*Bolislau, Eva, Pedro e Estefano - o quinto ainda não havia nascido.*

Nos anos 40, com a família, ia de charrete do bairro Portão até a Igreja de Santo Estanislau para a missa dominical. Mais tarde, começou a frequentar a Igreja do Portão. Sempre que possível, ia à Igreja de Santo Estanislau, não somente para a missa, mas para reencontrar outros poloneses que frequentavam o mesmo local. Os padres desta igreja, na época, eram poloneses, e as missas também eram celebradas em polonês. Faleceu aos 76 anos, em 1965.

Em 1999, aos onze anos, comecei a dançar no Wisła. Lembro de como minha avó Eva ficou feliz quando entrei para o grupo. Naquela época, nenhum dos integrantes havia morado na Polônia ou falava polonês. Os coreógrafos estavam montando um Polonez, uma dança tradicional polonesa, e queriam que, em um dos momentos da apresentação, alguém entrasse com o pão e dissesse uma frase em polonês. Minha avó traduziu a frase e me ensinou a pronunciá-la. Ainda criança, dancei o *Polonez* algumas vezes. Quando chegava a minha vez, eu entrava com o pão e dizia ao microfone a frase que tinha aprendido com ela.

O folclore polonês sempre foi uma paixão. Depois que alguns integrantes do Wisła ganharam bolsas de estudo e foram morar na Polônia, comecei a sonhar em fazer o mesmo. Depois de me formar na faculdade, aos 21 anos, ganhei minha bolsa. Era a realização de um sonho, e lembro de como minha avó Eva ficou emocionada com a notícia.



Morei três anos em Łódź, onde concluí meu mestrado em Etnologia. Na minha pesquisa, contei um pouco sobre as origens do meu amado grupo folclórico Wisła e escrevi sobre a influência da cultura polonesa na identidade cultural de Curitiba. Foram três anos de muito aprendizado, saudade e alegria. Quando vinha ao Brasil de férias, trazia revistas e dicionários para minha avó. Ela adorava.

*Acervo pessoal: Paula em Kraków - maio de 2013.*

Dois dias antes de eu embarcar de volta para o Brasil, minha avó sofreu um AVC. Fui visitá-la no dia seguinte à minha chegada. Dois dias depois da visita, ela faleceu. Foi um momento de muita tristeza para mim, mas pude me despedir antes que partisse.

Hoje sou mãe de duas meninas gêmeas, Eva e Eliza. Dei à minha filha Eva o nome da minha avó, a mesma que, quando eu tinha onze anos, me ensinou a frase em polonês que eu dizia ao microfone, remetendo à tradição polonesa de receber os convidados com pão e sal. Também sou professora de polonês. Ensinar a língua e compartilhar as histórias e tradições que aprendi vivendo na Polônia graças ao laço familiar com a minha avó é a maneira que encontrei de manter viva a cultura polonesa e de passá-la adiante.

*Acervo pessoal: Eva e Paula Celli*



***Paula Cristina Celli Ávila – celli.paula@gmail.com***

Realização:

CASA DA CULTURA POLÔNIA BRASIL

Financiamento:

Senat – Polonia 2026

Apoio:

KUL